

Annexes

Texte 1

in Zamperineida, 1907, p. 208-211

Les termes indiqués en gras sont ceux littéralement empruntés aux stances 94-104 du chant IV des *Lusiades* (« A fala do Velho do Restelo »). Seule la première partie de cette parodie est retranscrite ici, la seconde partie n'étant pas inspirée de l'œuvre de Camões. L'orthographe et la ponctuation ont été actualisées.

PARÓDIA

CAMÕES. CANTO 4. ESTÂNCIA 94 E SEGUINTE

Imitação, ou versão, dirigida em particular à Légoa da Póvoa, em tercetos da Elegiada de Monteiro; e em geral à enchente de todos os seus arrotos satíricos e vaidade da sua ciência

PRIMEIRA PARTE

1

Mas um velho de aspecto venerando,
Que escutava os tercetos **entre a gente,**
Torcendo-lhe o nariz, e **meneando**
Três vezes a cabeça descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Pôs óculos, por ver mais **claramente**
As trovas, que Monteiro tinha **feito;**
E **tais** vozes **tirou do esperto peito:**

2

Oh fúria de rimar; oh vã cobiça
De ter de mau Poeta o nome **e fama.**
(A dizer isto o ódio não me **atiça**)
Quem de versos entende assim te **chama.**
E faz-te nisso altíssima **justiça:**
Creio foi vício, **que** bebeste da **ama,**
A dureza com que nos **atormentas**
E nos férreos ouvidos **experimentas.**

3

Segue, segue do Foro a loquaz **vida;**
Faz punir os crimes **e adultérios ;**
Que a tua eterna prosa é **conhecida**
Já pelos Rabulísticos **Impérios.**
Vê do Pindo a íngreme **subida:**
Só te pôde cobrir de **vitupérios,**
Em vez de **fama e glória soberana,**

Nomes com que se o povo néscio engana.

4

Na sátira vingar-te **determinas**,
Que te faz apupar de toda a **gente**,
E são estes os versos que **destinas**
Para mostrar-te sábio e **preeminente**:
A tais despezas tens mui fracas **minas**;
Dou-te um conselho, aceita-o **facilmente**:
Ou do Pátrio Direito arrota **histórias**
Ou pensa em macedónicas **vitórias**.

5

É possível que sejas tão **insano**,
E a Apolo faças tal **desobediência**,
Que sem o seu influxo **soberano**
Produzas das Piérides na **ausência**
Versos, escórias do juízo **humano**!
Ou é cegueira ou é grande **inocência**
Não ver que neles de Estro **te privou**
E de sal nem migalha **te deitou**.

6

Mas **já que nessa enfática vaidade**
Tanto elevas a leve fantasia;
Já que queres com bruta feridade,
Em tercetos sem graça e **valentia**,
Parvoíces dizer em **quantidade**,
De que um Doutor correr-se só **devia**,
Pois teimas em compor, e pois que já
Da popular risada te não **dá**:

7

Não tinhas por objecto o **Ismaelita**,
Com quem sempre terás guerras sobejas?
Não te fez uma sátira **maldita**,
Já que **tu só** com sátiras **pelejas?**
Faltam-lhe baldas **mil**, praça **infinita**,
Se tu baldas e praças **mais desejas?**
Não é ele em maus versos **esforçado**,
Se queres por maus versos **ser louvado?**

8

Deixas criar à porta o inimigo,
Por ires buscar outro de tão longe;
Gastas em vão teu português **antigo**,
Pedradas pelo ar **deitando ao longe**:
Buscas o incerto, incógnito perigo
Por que a fama te exalte e te lisonje:
Fazendo de más rimas **larga cópia**,

Quase em língua de **Arábia e da Etiópia**.

9

Fatigas-te em dizer que a rima - *mundo*
(E cuidas de salvar-te neste **lenho!**)
Forçou o vir na sátira— *profundo*;
Como eu por ironia **sigo e tenho**,
Que vem frizando ali saber *profundo*
Que era em *sec'la sec'lorum* ter **engenho**;
Rude e crasso passou pela **memória**
Ao pôr o « nunca » e « sempre », que é da *Glória*.

10

Mas tu, tocha brilhante, olho **do Céu**,
Se vês propício o pobre ouvido **humano**,
Já que nunca em teu **fogo se acendeu**,
Nem viu a tua luz, se não me **engano**,
Este de Obra sem vida **Prometeu**:
Afasta dos mortais tão grande **dano**,
Pois qual prenhe mulher lido o **tivera**,
Que *transida* de susto não **movera?!**

11

Louco papalvo, **moço miserando**,
Tens do miolo o casco bem **vazio**,
Pois ao público estás escusas **dando**
Que não te leva em conta, e de que eu **rio**;
Porém tenho por ódio o mais **nefando**
Combater sério c'um poeta **frio**:
Oh! dos pedantes pobre **geração!**
Mísera sorte! Estranha condição!

Texte 2

Extraits de Manuel da Silva GAIO, <i>Dom João</i>	
Version de 1906 (graphie respectée) Coimbra, Imprensa da Universidade (p. 39-43)	Version de 1925 Porto, Companhia Portuguesa Editora, 1925, p. 55-59.
– Nessa hora em que o sol tornava as ondas d'oiro E pela terra inteira a seiva renovava, Dom João, largando d'alto a penedia brava Arrojou-se ao bulcão do mar em fervedeiro... * Mas d'onde o coração – arrebatado ás fragas Pela resaca viva – emfim se lhe afundára Surgiu pouco depois a maravilha rara Duma ilha verde, a rir no berço azul das vagas. O mar adormecêra em lânguido balance.	Ao tempo em que ainda o Sol de leste desfechava Rasantes pelo mundo as puras frechas de oiro, Dom João, largando de alto a penedia brava, Lançava-se do Mar no denso fervedeiro... * Mas donde – arrebatado às escavadas fragas Pela ressaca viva – o corpo se afundara, A lume surgiria a maravilha rara Duma ilha verde, a rir no espelho azul das vagas.

Nevava-lhe por cima um desfolhado bando
De gaiivotas reaes. Ao vento doce e brando
Vinham velas do sul a trapejar de manso.

Com se as enfunasse a mesma viração,
As arvores da ilha abriam-se redondas
Movendo-a lentamente ao rez das claras
ondas,
Semelhante a uma nau levada na monção.

E, ao passo que ella assim cortava o mar
clemente,
No convez desse verde e magico navio
Toda a vida era Amor-amor d'amor nascente,
Mais doce do que o leite e o mel correndo em
fio.

As feras, os casaes, iam beber num lago
Onde esboçavam sombra esguios tamarinhos :
E, ao matarem a sêde, a cada novo trago
Fumegavam-lhes gozo os tépidos focinhos.

Sob a luz calma o ar e o fagulhame vivo
D'abelhas d'oiro-em-sol, bezouros
zumbidores,
Ungia essa ilha inteira, os animaes e as flores
Uma graça infantil de mundo primitivo.

E insectos, aves, tudo ali cantava, tudo,
Nessa festa de côr e luz da natureza ;
Só das fontes, por entre os musgos de velludo,
Vinha um crepuscular murmúrio de tristeza.

Dum rio para o mar singravam, majestosos,
Cysnes brancos, armando em galeões de
plumas ;
Talvez deuses da Terra, agora cobiçosos
De, em disfarce, irem ver as deusas das
espumas.

Passavam de vagar, ao longo das alfombras,
Formas de deuses, ainda alheios á existencia,
Radiantes como o sol, e mudos como sombras,
No extase feliz da própria inconsciencia.

Desde os montes até á beira da marinha,
Toda a vegetação do mundo alli medrava:
Entre o aloendro, o myrto e a romanzeira
brava

Batiam-lhe as marés em lânguido balanço,
Debaixo de constante e ferviloso bando
De altas gaiivotas. Sob o vento leve e brando
Surdiam velas, longe, a palpitir de manso.

Como se as enfunasse a mesma viração,
As árvores da ilha abriam-se redondas
Movendo-a docemente, a dividir as ondas
– Empavezada nau alada na monção.

E enquanto pelo mar cerúleo ela cortava
– Pastora de ondas, qual pastora entre seus
gados,
Ao avançar juncando a esteira, que deixava,
De frutos estivais, de pomos perfumados –

Enquanto pelo mar cortava lentamente,
A bordo desse verde e mágico navio
A vida era de Amor - ardendo renascente
Em cada inerme ser, em cada ser bravoio.

Aves, feras, répteis - tudo pulsava, tudo –
Ao bafo criador da leda Natureza...
Só as fontes, por entre os musgos de veludo,
Soltavam vesperais murmúrios de tristeza.

Ardiam pelo ar, num fagulhame vivo,
Enxames de oiro-fogo e sob esses fulgores
Em tudo respirava : em vidas, frutos, flores,
Subtil graça vernal de mundo primitivo.

Desde os montes à beira extrema da
marinha,
Dos bastos vegetais do mundo se enfeitava:
Junto ao loendro, ao mirto, à romãzeira
brava
Casavam-se a palmeira e os pâmpanos da
vinha.

Dum rio para o mar singravam, majestosos,
Brancois cisnes – galeões de imaculadas
plumas –
Talvez deuses da Terra, arfando cobiçosos
De, a disfarce, irem ver as deusas das
espumas;

Ao passo que, por sobre a relva de
alfombras,

<p>Casavam-se a palmeira e os pámpanos da vinha.</p> <p>E enquanto pelo mar cerúleo se movia – Levando as ondas como uma pastora os gados – A ilha verde deixava escorregar braços De fructos estivaes na esteira que a seguia...</p> <p>Até que o sol morria, e a luz crepuscular Logo rapidamente em noite se mudava, E todo em botões d’oiro o céu desabrochava, Quando o leite da lua allucinava o mar.</p> <p>E mal a noite punha em sonho essa ilha errante, Onde a vinha descia á beira das areias, As ondas, levantando um canto perturbante, Levavam-na embalada a vozes de sereias.</p> <p>O côro então, cortando o ar distante, attrahia Argonautas do Longe e bruscos pescadores Áquella singular, verde « Ilhas dos Amores », Que lhes boiava perto e ao largo se sumia... *</p> <p>E desde que surgiu á flor do mar azul, Sempre a ilha verde attrahe, irresistivelmente, Quantas velas, do norte ao luminoso sul, Por sobre as ondas solte um braço adolescente.</p> <p>É para lá que sempre, e como nunca d’antes, Se erguem de toda a terra anseios de viagem, Movendo barcos, naus, armadas triumphantes, Onde a manobra é velha e nova a marinhagem.</p> <p>E ai! para lá tambem haveis de navegar Sobre galeras d’oiro, arfando a largos pannos Todos vós os que, em vida, ainda podeis sonhar, Todos vós os que, em vida, ainda contaís vinte annos!...</p>	<p>Humanas formas – inda alheias à existência – Vagavam par a par, tão mudas como sombras, No êxtase feliz da própria inconsciência.</p> <p>Morria o Sol por fim e a luz crepuscular Rapidamente em luz argêntea era mudada, Quer fulgisse da noite a túnica estrelada Quer a lua apagasse as ondas do luar.</p> <p>Logo as vagas, cercando em coro essa Ilha errante, Onde a vinha descia à orla das areias, A levavam cantada as vozes de sereias, Até que o Sol de novo abrisse do Levante.</p> <p>E o coro noturnal, como a visão do dia, De toda a vastidão chamava remadores Aquella singular, verde "Ilha dos Amores" Que, mal vogavam perto, ao longe lhes fugia.</p> <p>Sempre – depois que paira à flor do Mar azul – Sempre a Ilha verde atrai, irresistivelmente, Quantas velas, do Norte ao luminoso Sul, A desgarrar desprenda um braço adolescente.</p> <p>Sempre, na Terra inteira – agora como dantes – Ela desperta ao largo anseios de viagem, Movendo barcos, naus, galeras arrogantes, Em que a manobra é velha e nova a marinhagem.</p> <p>E ai! também Vós por ela afrontareis o mar – Afoitos navegando, a desfraldados panos – Todos Vós os que em vida ainda podeis sonhar, Todos Vós os que em vida ainda contaís vinte annos!...</p>
--	--